

## É POSSÍVEL TRADUZIR POESIA? O POETA HÚNGARO KOSZTOLÁNYI, NA VIRADA DO SÉCULO XX

Zsuzsanna Spiry<sup>1</sup>

RESUMO: Após mapeada e organizada tematicamente num conjunto único, a produção literária de Paulo Rónai surpreendeu pelas suas dimensões e feições. Ao examinar o conjunto, descobriu-se um daqueles homens de letras a quem os conflitos europeus da primeira metade do séc. XX fizeram eleger o Brasil como sua segunda pátria. Para entender uma obra com tais configurações foi necessário buscar suas origens, os moldes em que foi cunhada. A pesquisa revelou que o sistema literário húngaro, devido às suas características singulares, desenvolveu uma relação muito particular com a tradução, e mais específica ainda com a tradução literária e a poética. O presente artigo procura evidenciar essas particularidades, tomando um texto do poeta húngaro Kosztolányi Dezső como exemplo típico. Este texto, supõe-se, reflete o arcabouço teórico que serviu de alicerce para a produção literária de Paulo Rónai, que, no Brasil, colheu os frutos das sementes germinadas na Hungria de sua juventude.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução literária; Tradução poética; Sistema literário húngaro; Paulo Rónai; Kosztolányi Dezső.

*ABSTRACT: When thematically organized in a single entirety, Paulo Rónai's literary production surprised for its dimensions and features. Upon examining his work as a whole, a real man of letters was discovered, one that the*

---

<sup>1</sup> Mestre em tradução pela USP. [Todas as traduções do húngaro para o português, são traduções próprias]

*European conflicts of the first half of the 20<sup>th</sup> century impelled to elect Brazil as his second homeland. In order to understand such a work it was necessary to search for its origins, the molds in which it has been forged. The research revealed that the Hungarian literary system, due to its singular characteristics, has developed a very particular relationship with translation, and still even more specific with literary translation and poetry. This text aims to evidence these particularities and takes a text written by the Hungarian poet Kosztolányi Dezső as typical of its theoretical stream that, it is believed, served as a foundation for Paulo Rónai's literary production, an author who, in Brazil, was able to harvest the fruits that had sprouted in the Hungarian lands of his youth.*

*KEYWORDS: Literary translation; Translation of poetry; Hungarian literary system; Paulo Rónai; Kosztolányi Dezső.*

Tradicionalmente tido como um tradutor, Paulo Rónai provavelmente serviria como uma luva para ilustrar a minha pesquisa sobre o bilinguismo do tradutor. A análise do perfil de sua obra, porém, uma vez reunida num conjunto único, levou-me a perceber que não estava diante de um tradutor apenas, mas de um verdadeiro homem de letras, que havia produzido uma obra de vulto, multifacetada e plural, levada a cabo em dois ambientes geográficos, históricos e culturais muito diferentes. Então a questão central, o norte que passou a orientar minhas indagações, mudou completamente. A análise do conjunto de sua obra fez germinar um enorme leque de questionamentos.

Dados biográficos revelam que sua intelectualidade havia sido moldada na Europa, no início do séc. XX, num país que, apesar de pequeno nos dias de hoje, à época do nascimento de Rónai ainda tinha os pés fincados na sala de visitas do império dos Habsburgos. Um país que, apesar de sua cultura milenar, é isolado pela barreira imposta por sua língua singular e, por isso, detém um arcabouço literário específico. Afinal qual seria o perfil teórico de um humanista cuja intelectualidade havia sido for-

jada na Hungria, no fervilhante momento histórico entre guerras? Sua opção pelo Brasil significou simplesmente um *continuum* ou um recomeço? Em carta a um amigo húngaro Rónai afirma que não; que desde o instante em que pisou em solo brasileiro foi capaz de dar continuidade à carreira que havia iniciado na Hungria.

Conforme ia entrando em contato com os ensaios críticos de Rónai, cada vez mais me intrigavam as origens de sua formação humanística, na Hungria da virada do século XX e as idiosincrasias de um sistema literário que tem, em seus poetas escritores, verdadeiros heróis nacionais e que também participam ativamente da vida social e política do país. Tanto assim que numa entrevista ao *Jornal de Brasília*, ao citar o poeta húngaro Ady Endre como seu autor preferido, Rónai declara com todas as letras: “Ele foi o ídolo da minha mocidade”.

É impossível dar, em poucas palavras, uma idéia da riqueza, do élan e da vibração da poesia de Ady e de sua extraordinária repercussão. Seus poemas incendiavam o ambiente literário, atacavam todos os tabus, agitavam os espíritos, suscitavam protestos ferozes e defesas arrebatadoras, dividiam o país em dois campos opostos. A sua força consistia na intensidade com que vivia todos os conflitos que são os temas ancestrais da poesia: o espanto do vivo ante a morte, do homem em face de Deus, do indivíduo diante a sociedade, do pobre ante a riqueza, do homem em face da mulher, do descendente em relação aos seus antepassados. (...) Desnudava com sinceridade nunca vista as chagas de sua alma, seus conflitos e suas angústias. Sua linguagem revolucionária fazia com que às acusações de impatriotismo e de imoralidade se juntasse a da incompreensibilidade. A posteridade lhe fez justiça. Hoje é um clássico, mas um clássico vivo, cujos versos todos sabem de cor e que exerce influência descomunal até hoje. (Entrevista de Paulo Rónai publicada no *Jornal de Brasília* em 28/09/1977)

Mais tarde, em artigo da *Revista USP*, Rónai descreve um pouco o ambiente cultural de sua juventude:

Nascido em Budapeste em 1907, durante o decênio de ouro da moderna literatura húngara (comparável, no Brasil, à década do modernismo) pude conhecer de vista alguns componentes da plêiade aglomerada em redor da revista *Nyugat* (...). Não era difícil encontrá-los: sucediam-se os saraus, tardes de autógrafos, recitais de poesia, que os jovens de minha geração freqüentavam com entusiasmo. (...) A gente cruzava nas ruas com os grandes nomes das letras, entrevia-os através das vidraças dos cafés. (Rónai, 1990)

Tanto os depoimentos de Rónai como sua produção literária atestam a importância vital que o gênero poesia teve (e tem) no sistema literário húngaro e, naturalmente, em sua intelectualidade. Józán Ildikó (2009) afirma que essa geração de poetas que orbitava em torno da revista *Nyugat*<sup>2</sup> foi responsável pelo apogeu da tradução literária na Hungria. E acrescenta<sup>3</sup>:

Azt mégsem vonjuk kétségbe, hogy a XX.század végének és a XXI.század elejének magyar irodalmi fordítás – vagy műfordítás – koncepcióját nem lehet a *Nyugat* fordítói és irodalomelméleti tevékenységének és hatásának vizsgálata nélkül felvázolni.<sup>4</sup>

[E não se deve duvidar que a concepção húngara de tradução – ou de tradução literária – no final do séc.XX e começo do séc.XXI não pode ser delineada sem que se considerem as realizações e a influência dos tradutores e teóricos da literatura do *Nyugat*.] (Józán, 2009:20)

Em seguida ela destaca a importância da literatura traduzida dentro do sistema literário húngaro e a maneira como se estuda a questão, na Hungria. Ela diz que

<sup>2</sup> Revista literária húngara, publicada entre 1908 e 1941. <http://epa.oszk.hu/00000/00022/nyugat.htm>

<sup>3</sup> Todas as traduções do húngaro para o português são de minha autoria.

<sup>4</sup> Devido às características singulares do texto de Kosztolányi Dezső analisado por esse artigo e, principalmente, pela singularidade da língua húngara em que foi originalmente escrita, em 1913 e 1921 (1ª e 2ª edição, ampliada), tomou-se a decisão de aqui publicar também o texto original juntamente com sua respectiva tradução.

Az irodalmi fordítás és a fordított művek értelmezésének hagyománya az irodalom(értés) hagyományának fontos, konstitutív része,

Azonban a magyar irodalmi fordítás történetét a legkorábbi fordításoktól kezdődően áttekintve fel kell ismerjünk, hogy a XX.század első negyede, különösen az 1906 és 1923 közé eső időszak, azaz nagyjából Ady Baudelaire-fordításainak megjelenésétől a Babits, Tóth Árpád és Szabó Lőrinc fordításában megjelenő Baudelaire-fordítás, a *Romlás virágai* kötetig, elsősorban a *Nyugat* nagy műfordító nemzedéke, Babits Mihály, Tóth Árpád, Kosztolányi Dezső és, tegyük hozzá, Szabó Lőrinc tevékenysége nyomán, kiemelten fontos szerephez jutott az irodalomtörténetben, míg a korábbi időszakok (...) szerepének és jelentőségének meghatározása elmaradt.

[A tradição da tradução literária e a tradição de interpretar as obras traduzidas é uma parte constitutiva importante na abordagem tradicional à compreensão e apreciação da literatura.] (Józan, 2009:20)

[Entretanto, se considerada a história da tradução literária húngara desde a aparição da primeira tradução de que se tem notícia, devemos reconhecer que o primeiro quarto do séc. XX, notadamente o período compreendido entre os anos 1906 e 1923, isto é, basicamente entre a publicação da tradução de Baudelaire feita por Ady e a tradução das *Flores do Mal* baudelairiano realizada por Babits, Tóth Árpád e Szabó Lőrinc, teve um papel expressivamente importante, principalmente à luz das realizações da geração de tradutores literários do *Nyugat*, isto é, Babits Mihály, Tóth Árpád, Kosztolányi Dezső e inclusive Szabó Lőrinc, um grupo que teve um papel de grande destaque na história da literatura húngara, muito maior que o do período precedente, cuja função e importância definitivamente esmoreceram.] (Józan, 2009:21)

Ou seja, tradução literária é uma tradição no sistema literário húngaro, como se verá mais adiante, e o destaque que Józan dá à geração de poetas do *Nyugat* como desempenhando um papel seminal na história literária magiar, e considerando a data de nascimento de Rónai – 1907 – estava determinado que esse deveria ser o período de foco de minha pesquisa e que entre os poetas-escritores-tradutores que participavam desta geração eu encontraria a fundamentação teórica da formação filológica-humanista de Rónai.

István Mészáros, em entrevista à *Carta Maior*, também se refere à influência da intelectualidade húngara sobre o pensamento vigente:

Fui criado em Budapeste, onde o desenvolvimento cultural – especialmente no que se refere às relações estreitas entre a literatura criativa e o pensamento social e político – era muito especial, talvez único. Isso porque os maiores e mais radicais poetas da nossa literatura nacional, como Sándor Petőfi, Endre Ady e Attila József<sup>5</sup>, eram também os mais profundos e abrangentes pensadores húngaros de sua época. Nos seus apaixonados escritos líricos tanto quanto em suas reflexões teóricas, eles trataram dos mais desafiadores temas da sociedade na sua perspectiva histórica, oferecendo soluções revolucionárias, elevadas e abrangentemente perspicazes, capazes de resistir ao teste do tempo. Não surpreendentemente, Heinrich Heine, amigo de Marx, escreveu que sentiu uma enorme pressão de sua própria “camisa-de-força alemã” quando leu a poesia de seu grande contemporâneo húngaro, Sándor Petőfi.

(...) O papel especial desempenhado pelos poetas mais eminentes na cultura húngara, incluindo nela o campo da teoria, ajuda a explicar por que o ídolo intelectual e político do jovem Lukács era ninguém menos que seu contemporâneo mais velho, Endre Ady. (...) Em um de seus poemas, Ady criou a frase profética que se provou dramaticamente real alguns anos mais tarde: “Estamos nos precipitando para a revolução”. (Mészáros, s/d)

E que características tão especiais permitiram ao jovem Rónai chegar ao Brasil, a um ambiente literário tão distinto de seu ambiente original e simplesmente dar continuidade ao seu trabalho de crítico literário? Essa era outra questão instigante que também tinha de ser investigada em suas origens. Segundo Nelson Ascher,

---

<sup>5</sup> Mészáros não faz a inversão de nomes como é hábito quando se menciona nome húngaro.

Rónai trouxe-nos também a visão humanista e cosmopolita implícita em sua atividade [...] A essa visão pertence um gênero literário específico, que ele ajudou a desenvolver no país. Trata-se do ensaio. Na qualidade de ensaísta, Rónai esteve entre os primeiros, no Brasil, a chamar a atenção para um prosador e um poeta: João Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade. Não há algo de surpreendente em ser um húngaro um dos primeiros a demonstrar a indiscutibilidade do valor de autores que freqüentemente nos parecem tão locais, tão – diríamos – intraduzíveis? Não há, na possibilidade mesma desse juízo por parte de quem o fez, uma tradução intelectual prévia, anterior a qualquer outra feita no papel? (Ascher, 1996:56)

Portanto, por ter tido sua intelectualidade moldada na cultura húngara, Rónai detinha uma percepção intelectual humanista abrangente, universalizante, muito de acordo com o conceito goethiano de *Weltliteratur*:

Ao conceituar *Weltliteratur*, em 1827, Goethe buscava opor-se às classificações restritas e compartimentadas entre literatura nacional e literatura mundial para resgatar na poesia um patrimônio comum da humanidade. (...). Dessa forma, sua visão possibilitava uma interação entre literaturas através de trocas interculturais, onde as literaturas nacionais sofreriam transformações pelo contato entre autores e obras de diferentes países. Nessa perspectiva, adquire vital importância o processo de tradução, caracterizado por Goethe como mediação e interação entre as transações culturais. (...) A busca pela literatura do outro e sua reciprocidade preconizada por Goethe revela o que Todorov considerou como significação compartilhada, ocasionando então as transformações das literaturas nacionais a partir das trocas universais não pela perda das especificidades, mas no reconhecimento da universalidade do que lhe é próprio de cada manifestação literária. Assim é possível reconhecer na linguagem sertaneja de um Guimarães Rosa reflexões de questões existenciais amplas e profundas, capazes de compreensão em qualquer cultura. (Rizzon, s/d)

Considerarei o texto apresentado a seguir como seminal para o meu objetivo, por ter servido de base para um curso de pós-graduação em Budapeste, no início dos anos 2000, que versou sobre tradução poética. Apesar de discorrer sobre todo o universo literário anglófono – o curso de Gergely Ágnes analisava as traduções húngaras dos mais significativos poetas ingleses –, toda abordagem teórica húngara foi apresentada por Gergely com base neste texto de Kosztolányi, e que originalmente havia servido de introdução à antologia de traduções poéticas que Kosztolányi Dezső publicou na Hungria em 1913, em 1ª edição, e em 1921, em 2ª. Esses excertos fazem parte da introdução com que esse aclamado poeta húngaro apresenta a sua antologia de poetas modernos através da tradução de 418 poemas escritos por 142 poetas do mundo inteiro. Kosztolányi traduz diretamente do inglês, francês, alemão, italiano e espanhol; suas traduções do checo, polonês, russo e sérvio são feitas a quatro mãos, com revisão de algum falante nativo da língua<sup>6</sup>. ( )

Cél sohase volt számomra a műfordítás, csak eszköz. [...] Ezért mosolygok, valahányszor egy versfordítás hűségéről hallok. Kihez, vagy mihez hű, a szótárhoz, vagy a vers lelkéhez? Fordítani nem lehet, csak átültetni, újrakölneni.

Vitatkozhatunk tehát arról, hogy a műfordítás egyáltalán jogosult-e, vagy sem. Ha azonban elismerjük jogosultságát, akkor nem lehet és nem szabad a műfordítótól betű szerint való hűséget követelni. Mert a betű szerint való hűség hűtlenség. Minden nyelv anyaga különböző. A szobrász másképp oldja meg feladatát, hogyha márványból, vagy terrakottából, vagy fából kell kimíntáznia egy alakot. Az

[A tradução literária nunca foi meu objetivo, só um instrumento. (...) acho engraçado sempre que ouço falar em fidelidade na tradução poética. Ser fiel a que? A quem? Ao dicionário ou ao espírito do poema? Não é possível traduzir, somente transplantar, recriar.

Podemos então discutir se a tradução literária é legítima ou não. Se, porém, reconhecermos sua legitimidade, então não se pode, e nem se deve, esperar do tradutor literário uma fidelidade no nível da palavra. Porque a fidelidade no nível da palavra é infidelidade. Pois o material (no sentido de material de construção) de cada linguagem é distinto. Vai fazer diferença na maneira do escultor executar seu trabalho caso a obra seja

<sup>6</sup> Todos os trechos a seguir são de Kosztolányi, 1922, pp. 5-13



anyagszerűség változtatást parancsol rá és a szobron mindig ketten dolgoznak: a szobrász és maga az anyag. Munkánk hasonló ehhez. Egy szobrot kell más anyagból kiformálni, egy zenedarabot kell más hangnembe, más hangszerre áttenni. Nekem itt legnagyobb becsvágyam, hogy szép magyar verset adjak, mely az eredetit lehetőségig megközelíti. De a szó szerint való hűség és a szépség többnyire ellenségek. Mert a versből épp a lelkét, a zenét veszi el. A költeményt a törvénytörő hites tolmács hűségével oly kevésbé lehet lefordítani, mint egy szójátékot. Újat kell alkotni helyette, másikat, mely az eredetivel lélekben, zenében, formában mégis azonos. Hamisat, mely mégis igaz. Műfordítani annyi, mint gúzsbakötötten táncolni.

feita com mármore, terracota ou madeira. O tipo de material vai demandar uma mudança de atitude, por isso, o trabalho com a escultura terá sempre dois comandos: o do escultor e do próprio material. A nossa tarefa [do poeta tradutor] é parecida com isso. Temos que criar uma escultura a partir de outro material, uma peça musical a partir de outro tom, transpô-la para outro instrumento musical. Aqui a minha ambição maior é oferecer um belo verso em língua húngara e que seja o mais próximo possível do original. Mas, fidelidade com a palavra e com a beleza dos outros elementos são inimigos. Pois [a fidelidade] elimina exatamente o espírito do verso, sua musicalidade. Traduzir uma poesia com a fidedignidade de um tradutor juramentado é tão pouco provável quanto traduzir um trocadilho. Deve-se criar um novo em seu lugar, um outro, que em espírito, musicalidade e forma seja idêntico. Um falso que, contudo, seja verdadeiro. Fazer tradução literária é a mesma coisa que dançar de pés e mãos atados.] (Kosztolányi, 1922:10)

Na Hungria, tradução – *fordítás* – e tradução literária – *műfordítás* – (e a tradução poética está dentro dessa categoria) são consideradas atividades distintas. Observa-se que Kosztolányi fala claramente da tradução literária. E ele só consegue falar com tanta intimidade da tarefa do poeta-tradutor porque ele próprio é um poeta, considerado na Hungria entre os maiores.

Suas discussões sobre fidelidade comprovam sua intimidade com a teoria literária. Também fica claro que praticar tradução, para Kosztolányi, é um exercício literário, um instru-

mento, cujo resultado objetiva dar estrutura para a atividade crítica.

Ezért kell a költőnek – de költő legyen a talpán, ki ilyesmire vállalkozik – teljes szabadságot adni és művészi, illetve bizalmi kérdésnek tekinteni, mit tart meg és vet el az eredeti szövegből. A műfordítás ennél fogva elsősorban kritikai munka. Aki foglalkozik vele, kell, hogy a szók és betűk karmesterének tudja magát, teljesen értse és érezze az eredetit, és pedig oly fölényesen, hogy szükség esetén – és erre mindig szükség van – változtatni is tudjon rajta, az eredeti szellemében.

[É por isso que deve dar-se total liberdade ao poeta – contanto que aquele que se presta a realizar esta tarefa faça jus à alcunha de poeta, – e considerar como uma questão literária, ou, melhor ainda, uma questão de confiança, aquilo que do original ele mantém ou deixa de fora durante a tradução. A partir daqui, pois, a tradução literária passa a ser essencialmente um trabalho de crítica. Aquele que lidar com ela, precisa compreender e sentir plenamente o original, para que se considere o maestro das palavras e das letras com tamanha primazia, que caso seja necessário – e isto é sempre necessário – seja capaz de promover uma mudança, dentro do espírito do original.] (Kosztolányi, 1922:11)

Observa-se a estreita ligação que Kosztolányi faz entre o trabalho da crítica e da tradução literária, uma tradição no sistema literário húngaro. Quando Kosztolányi fala da nova poesia, seu conhecimento de poesia clássica está implícito.

És amint az új költészet felmentette a költőt attól, hogy a valóságot szolgálisan másolja s jogot adott arra, hogy egyéni érzése szerint válogassa ki és hangsúlyozza azokat a részleteket, melyeket jellemzőnek érez, a fordítót se kötötte le; önéki is módot nyújtott, hogy a verssel, ihlete anyagával oly szabadon rendelkezzen, mint költő az étellel. Így a fordító is önállóan mozog a keretek közt. Nem kucorogva és aggályosán hű a

[E considerando que a nova poesia libertou o poeta da obrigação de reproduzir a realidade servilmente e lhe deu liberdade para que, de acordo com seu arbítrio, escolhesse e harmonizasse as passagens que achasse representativas, da mesma forma libertou o tradutor das amarras; a ele também foram oferecidas condições para que dispusesse de seu poema, melhor dizendo, de seu material, tal qual o poeta com relação à vida. Des-

szöveghez, hogy a szelleméhez az maradhasson. Annyira szereti a verset, melyet megszólaltat, hogy átlelkésül tőle és bátorságot kap újramegformálására.

ta forma o tradutor também tem mais liberdade de ação. Para que possa manter o espírito do original, o tradutor não precisa mais adotar aquela fidelidade subserviente ao texto. Ele gosta tanto daquele verso ao qual está dando voz, que a partir dele se enche de paixão e coragem para a sua re-criação.] (Kosztolányi, 1922:12)

Ao falar em re-criação, em 1913, Kosztolányi também está afirmando que a impossibilidade da tradução direta está implícita. Diz que, em se tratando de poesia, somente é possível transplantar, re-criar. Percebe-se que sua afirmação é anterior ao Círculo de Moscou, dos Formalistas Russos, a fonte inspiradora para o movimento concretista brasileiro, que é a via pela qual a ideia de tradução como re-escrita chega até nós.

Később, [...] a magyar összhangzatok lehetőségéből pótolnod kell és addig se feledd, hogy adós vagy vele.

[Mas mais adiante, [...] pode ser que você tenha que compensar as possibilidades harmônicas da língua húngara e, não se esqueça, a sua condição é de devedor.] (Kosztolányi, 1922:12)

Nessa frase tão curta Kosztolányi diz muita coisa. A condição de devedor é a condição do poeta que está comprometido com o seu dever cívico de participar do processo de renovação e ampliação da língua, objetivo de sua tradução. Ele está chamando a atenção para as possibilidades da língua húngara que está em pleno confronto com a outra cultura, a outra língua, a do original. É durante o ato tradutório que a língua se renova.

A forma szűkszavúságra kényszerít és három angol szót eggyel kell kifejezned? Tágítsd a jelentést, de akkor találj olyan szót, mely mind a hármát magában foglalja, vagy legalább is egyiknek se mond ellent.

[A estreiteza da forma coloca você contra a parede e você tem que expressar três palavras inglesas em uma? Expanda o significado, mas nesse caso encontre uma tal palavra que contenha em si todas as três pa-

Van egy hüvelyknyi helyed, minthogy itt véletlenül a magyar nyelv tömörebb? Nosza, színezd és vidd tovább a verset, de úgy, hogy semmi csorba se essen rajta. Mindig tudnod kell, milyen nagy cél felé haladsz, de az apró betűkre – a göröngyökre is – vigyázz. Ilyen állandó résenlevés, csupa szem – és csupa fül –, csupa agy és csupa szív-munka, egyben analitikus és szintétikus összefogás a műfordítás.

lavras inglesas, para não ir contra a nenhuma delas. Sobrou um espaço, por mínimo que seja, como se naquele acaso a língua húngara fosse mais concisa? Aproveite, dê um colorido especial e expanda o próprio verso, mas cuidado para não maculá-lo. Você deve ter a grandiosidade de seu objetivo sempre em mente, mas cuidado com aquelas letrinhas miúdas – mesmo as mais acidentais. A tradução literária está sempre nesta corda bamba, é uma tarefa que exige, o tempo todo, a presença plena tanto dos olhos, como dos ouvidos, da mente e do coração.] (Kosztolányi, 1922:12)

O tom é de diálogo. Kosztolányi poeta dialogando com Kosztolányi tradutor. E se, na Hungria, a tradução literária é uma atividade crítica, então é próprio também da atividade crítica usar todos os recursos, plenamente. O crítico não separa seus conhecimentos linguísticos; usa-os a favor de sua crítica.

A műfordítás a művészetben az, ami a valóságban kísérlet, mely a természeti jelenségeket mesterséges úton idézi elő. Ime, az üvegbura alatt fénypázmák villognak, mennydörgést hallani, ugyanolyant, mint a völgyekben és hegyekben s a villámról el kell ismerni, hogy villám, noha tudjuk, hogy csak gyantalemezekből született. Még az ózon illatát is érezhetjük, akárcsak fizikai szertárakban, villamos kísérletek után. Aztán láthatjuk kísérleti úton bebizonyítva – ad oculos demonstratum – hogy a költő

[Na arte, a tradução literária ocupa a mesma posição que na vida real é ocupada pelo experimento que busca produzir artificialmente os fenômenos naturais. Ora, embaixo da campânula de vidro os feixes de luz faíscam, ouvem-se trovões, tal qual nos vales e nas montanhas, e é preciso reconhecer que o raio é raio, ainda que saibamos que ele provém de uma lâmina de vinil. Sente-se até o cheiro do ozônio, como nos laboratórios de física depois de uma experiência com raios. Depois, pode-se ver demonstrado no caminho do ex-

mennyire képes megközelíteni az eszményt, melyet az ihlet pillanatában céloz. Itt az ihlető alkalom, az ideál nem egy hangulat hamar szétfosló párája, melyre maga a költő sem emlékszik többé, miután versét megírta és beléje mentette azt, ami szólni serkentette, hanem az eredeti, egy vers, melyről a műfordító-költő másik verset ír. (...) Az egyik nyelvben inger és izgatószer az a szókötés, mely a másokban már, vagy még nem az. Senkise kérheti tehát számon, mért épp ezt a verset szólaltattam meg és mért mern a másikat. A költőt nem lehet megróni azért, mert a fűszálról és rögről ír, s a tölgyről és hegyről hallgat.

perimento – ad oculos demonstratum<sup>7</sup> – quanto o poeta é capaz de se aproximar do objetivo que tinha como alvo no instante da inspiração. Aqui, a oportunidade da inspiração se apresenta; seu objetivo não é a névoa rapidamente dissipada do humor de um instante, o qual, depois de ter encapsulado em seu poema e estimulado a se manifestar, nem o poeta se lembra mais; em vez disso, é o original, um poema, a partir do qual outro verso é escrito pelo poeta-tradutor literário. (...) Um jogo de palavras pode ser instigante e inspirador em uma língua enquanto na outra não. Portanto, ninguém pode cobrar por que dei voz a esse poema e não àquele. Não se pode censurar o poeta por ele falar da relva e da folha de capim e deixar de falar do carvalho e da montanha.] (Kosztolányi, 1922:13)

As emoções estéticas, mesmo que experimentadas na intimidade de seu escritório – artificialmente –, o crítico tem de reconhecer como tais. E mesmo que a re-criação do tradutor não possa ser considerada como sendo o próprio original, ela passa a ter o mesmo valor. O julgamento crítico é tarefa do tradutor já que é ele quem decide o que é possível transpor para a língua húngara.

No prefácio à 1<sup>a</sup> edição, que também acompanha a 2<sup>a</sup> edição, Kosztolányi fala do aspecto universal da poesia.

De aki átolvassa könyvemet, észreveszi, hogy bizonyos szempontból minden benne szereplő költő egytestvér. A faj, vérmérséklet, földrajzi hely – az egyéniségük –

[Aqueles que lerem meu livro irão perceber que sob determinado ponto de vista todos os poetas que nele figuram são, em certa medida, irmãos. A raça, o temperamento, a localização

<sup>7</sup> Expressão latina = como queríamos demonstrar.

különbözőképpen színezi verseiket. Túl ezeken azonban mindnyájan találkoznak abban, amit “modern léleik” -nek nevezünk. Ez a modern lélek köt össze velük. Csak nyelvük tette őket érthetlenné. Ha a nyelv kéréget lehántjuk, idegenségük megszűnik. Az új műveltséggel mind erősebben kidomborodik a líra általános emberi volta is. A líra majdnem minden ember számára annyira érthető, mint a muzsika. És ez megnyugtató. Megnyugtató, hogy sok millió halandó nem áll némán egymással szemben, közölni tudja a keletkezés pillanatában ijedelmeselegényi érzését, melynek színe és súlya ugyanolyan és ugyanannyi Tokióban, Madridban és Konstantinápolyban, mint Párisban, Krisztiániában és Budapesten.

geográfica – suas individualidades – dão uma coloração diferente aos seus versos. Mas em um lugar além dessas diferenças, todos se encontram naquilo que chamamos de “espírito moderno”. É esse espírito moderno que nos une. É somente a barreira da língua que os havia tornado inacessíveis. Se arrancarmos a crosta da língua, o seu estrangeirismo desaparece. Com esse novo conhecimento, o passado comum da poética humana sobressai ainda mais forte. Para a grande maioria dos homens, a poesia é tão compreensível quanto a música. E isso é reconfortante. É reconfortante que tantos milhões de seres humanos não fiquem parados, mudos um diante do outro, mas que sejam capazes de transmitir, no momento da criação, sua emoção tão assustadoramente individual, criação cujas cores e peso é o mesmo e idêntico tanto em Tóquio, Madrid ou Constantinopla, assim como em Paris, ou Crístiânia<sup>8</sup> ou Budapeste.] (Kosztolányi, 1922:05)

Para o crítico, eliminada a barreira da língua – que precisa da figura do tradutor para sua realização –, a universalidade da arte poética se revela. E Kosztolányi continua:

Alkotásnak látom a műfordítást, nem másolásnak. A művész azzal a verssel, melyet a nyelvén új formába önt, olyan kapcsolatban van, mint az életével, melynek rezzenéseit tulajdon verseiben rögzíti meg. Élmény számára egy idegen költő verse.

[Vejo a tradução literária como criação, não como cópia. Com aquele verso estrangeiro que vazou na sua língua pátria, o poeta passa a ter a mesma relação que tem com os versos nos quais fixa suas próprias experiências de vida. Em termos de ex-

<sup>8</sup> Até 1924, o nome de Oslo, capital da Noruega.

[...] Műfordításaim nem úgy viszonylanak az eredetihez, mint a festmény a festmény másolatához, inkább úgy, mint a festmény ahhoz a tárgyhoz, melyet ábrázol.

periência estética, porém, trata-se de um poema alheio.

(...) As minhas traduções literárias não se relacionam com os originais como a cópia de uma pintura com o seu original, mas tal como o quadro se relaciona com o objeto que representa.] (Kosztolányi, 1922:07)

Por isso, o tradutor de poesia tem de ser ele mesmo um poeta, para poder criar seu próprio quadro original. Segue Kosztolányi:

Az a tíz év, amíg a magyar köntösbe öltöztetett versek kötetté nőttek, az új magyar irodalom háborús korszaka volt. Azok, akikkel együtt küzdöttem az új líráért, hasonlóan sokat fordítottak. Csiszoltuk a nyelvünket idegen verseken, hogy tulajdon bonyolult érzéseink kifejezésére gazdag és könnyed, tartalmas és nemes nyelviét kapjunk. Nagy költőink hősi idiomát hagytak ránk, melyen mondanivalónkat nem mindig lehetett kifejezni: [...] Azt se tagadjuk, hogy ezektől a költőktől tanultunk is, egy igazságot tanultunk, hogy hűnek kell lennünk önmagunkhoz. Amikor a modern líra még bitang jószág volt magyar földön, fémjelzett idegen verseket sorakoztattunk fel, – érvként, – hogy utunkat egyengesse. Csatasorban állottak ezek a versek, az új lélekért. [...] Ami egy nemzedék munkája, azt nem végezheti el egy ember. Ha társaim, a modern magyar költők mind csatlakoznak hozzám,

[Durante os dez anos que levou colocar uma roupagem húngara nos versos que se transformaram neste volume, a nova literatura húngara passou por uma revolução. Aqueles com quem lutei pela nova poesia, da mesma forma traduziram muita coisa também. Polimos nossa língua com a poesia estrangeira para que pudéssemos externar nossos próprios sentimentos, tão complexos<sup>9</sup>, em uma linguagem mais rica e flexível, mais consistente e nobre. Nossos grandes poetas nos deixaram de herança uma linguagem heróica, mas na qual as nossas palavras nem sempre encontram expressão. (...) Da mesma forma não podemos negar que também aprendemos com esses poetas: aprendemos que devemos ser fiéis a nós mesmos. Na época em que no solo magiar a poesia moderna era ainda como uma criatura que, perdida, ficava andando a esmo, perfilamos os versos cunhados no estrangeiro –

<sup>9</sup> O termo complexo está sendo usado no sentido de complexidade.

akkor pár évtized alatt egy nemzedék egészen visszatükrözheti a külföld líráját.

dizíamos – para que nivelassem o nosso caminho. Os versos como que alinhados na frente de batalha, na luta por um novo espírito.

(...) Um homem sozinho não pode fazer o trabalho de toda uma geração. Se meus parceiros, os poetas húngaros modernos se juntarem a mim, então em poucas décadas toda uma geração poderá espelhar a poesia estrangeira.] (Kosztolányi, 1922:05)

Esse programa cívico de renovação da língua que Kosztolányi reafirma mais uma vez ser a missão que os escritores húngaros tomam para si, a Hungria não é a única a fazer. Em um momento ou outro de suas histórias, todas as línguas passam por esse movimento.<sup>10</sup> Por um motivo comum, tanto na Hungria como nos demais países europeus, todos traduzem com o objetivo de expandir as possibilidades da língua nacional e da literatura local.

Como se viu, Kosztolányi diz que é através da tradução que o poeta e o escritor húngaro se inserem na literatura universal, e colocam vestes húngaras em texto alheio. É através da tradução que eles testam os limites da literatura húngara dentro do contexto universal. É a remoção da crosta da língua – através da tradução – que permite ao poeta transitar entre culturas, inserir-se na *Weltliteratur*. É através da tradução que a classe intelectual tira a nação húngara do isolacionismo imposto pela língua e faz Shakespeare falar em húngaro. Ao dizer que

<sup>10</sup> Ver, por exemplo, *A Revolução de Gutenberg – A história de um gênio e da invenção que mudaram o mundo*, em que John Man descreve os casos de consolidação das línguas europeias mais importantes como o inglês, o francês e o alemão, cujos *scholars* praticam a tradução para expandir as possibilidades linguísticas e enriquecer o vocabulário de seus idiomas nacionais. Delisle & Woodsworth também lidam com o tema em *Tradutores na História*. Outro exemplo, clássico, é a referência que Walter Benjamin faz em seu conhecido ensaio *A Tarefa do Tradutor* ao citar Hölderlin e o desejo de expansão da língua.



“A tradução literária nunca foi meu objetivo, só um instrumento”, Kosztolányi está se referindo à tradição Húngara de usar a tradução como um instrumento para se estudar literatura; ao se referir à tradução como “um exercício linguístico”, ele encara esse exercício como um serviço cívico à nação.

Além dos benefícios estilísticos que a tradução oferece ao poeta-escritor húngaro – “o poeta faz linguagem, fazendo poema; é por isso que um (bom) poema não se esgota: ele cria modelos” (Pignatari, 2005) – esse exercício os leva a refletir sobre sua práxis. Na introdução de 1913, Kosztolányi também discute a questão da fidelidade e coloca a grande questão: *É possível traduzir poesia?*

Lehet-e verset – egyik nyelvből a másikra – fordítani? Nem lehet. Miért nem? Egyszerűen ezért: *désir* például azt jelenti magyarul, hogy vágy, a francia szó ötbetűs és magashangú, a magyar szó négybetűs és mélyhangú. Ha pontosan fordítok, úgy, hogy egyetlen árnyalat se sikkadjon el, akkor a fordított szöveg majdnem azokat a fogalmakat kelti föl ugyan az olvasóban, mint az eredetié, de a fogalmak színe más lesz, merőben más, minthogy a szavak a versben nemcsak a fogalmak jegyei, hanem zenei értékek hangjegyei is. Az olvasót a költő nemcsak gondolattal óhajtja megragadni, hanem – legalább oly mértékben – érzékien is, hangokkal, összecsengéssel. *Désir* helyes értelmi fordítása tehát: vágy, de zenei fordítása inkább ez lehetne például: vezér. E két nehézség közt tétováz az, ki idegen verset akar átültetni. Valahogy módot kell találnia, hogy mind a két követelménynek, az értelminek és zeneinek is, eleget tegyen. Ezért

[É possível traduzir poesia – de uma língua para outra? Não. Por que não? Simplesmente porque em húngaro *désir* quer dizer *vágy* (desejo); a palavra francesa tem cinco letras e é aguda e a palavra húngara tem quatro letras e é grave. Se eu traduzir tudo corretamente de modo a não deixar passar nenhuma nuance, então o texto traduzido irá despertar no leitor quase as mesmas ideias que o original produziu no leitor do original, mas a matiz será outra, completamente diferente, como se as palavras no verso não fossem somente os signos dos conceitos, mas o valor de seus signos sonoros também fossem outros. O poeta deseja atrair o leitor não somente com as ideias, mas, em certa medida, também sensorialmente, com a sonoridade, e a harmonia. Portanto, a tradução conceitual correta de *désir* é *vágy* (anseio), mas a melhor tradução sonora talvez fosse *vezér* (líder, chefe, comandante). Quem desejar transpor versos estrangeiros vai ficar oscilando entre essas

mosolygok, valahányszor egy versfordítás hűségéről hallok. Kihez, vagy mihez hű, a szótárhoz, vagy a vers lelkéhez? Fordítani nem lehet, csak átültetni, újraköltetni.

duas dificuldades. A pessoa tem de encontrar uma maneira de atender a ambas as restrições, de sentido e de sonoridade. Por isso acho engraçado sempre que ouço falar em fidelidade na tradução poética. Ser fiel a quê? A quem? Ao dicionário ou ao espírito do poema? Não é possível traduzir, somente transplantar, re-criar.] (Kosztolányi, 1922:10)

Usando um argumento que lembra Saussure, e com total domínio da técnica de versificação, Kosztolányi conclui pela impossibilidade da fidelidade na tradução literária e dá diretrizes claras sobre as reflexões que um tradutor que deseje praticar a arte do ofício deve fazer para poder criar, em sua língua, um novo quadro que irá se assemelhar ao quadro original, na mesma relação que um quadro tem com o objeto que representa. Kosztolányi conclui:

A költeményt a törvénytörési hites tolmács hűségével oly kevésbé lehet lefordítani, mint egy szójátékot. Újat kell alkotni helyette, másikat, mely az eredetivel lélekben, zenében, formában mégis azonos. Hamisat, mely mégis igaz.

[Traduzir uma poesia com a fidedignidade de um tradutor juramentado é tão pouco possível quanto traduzir um trocadilho. Deve-se criar um novo em seu lugar, um outro, que em espírito, musicalidade e forma seja idêntico. Um falso que, contudo, seja verdadeiro.] (Kosztolányi, 1922:11)

O falso – o calco – fazendo as vezes do verdadeiro – o original. Um falso verdadeiro.

### Referências Bibliográficas

- ASCHER, N. (1996) Paulo Rónai – Tradução e Universalidade. *Pomos da Discórdia*. São Paulo: Ed. 34.
- DELISLE, J. & WOODSWORTH, J. (2003) *Os Tradutores na História*. São Paulo: Editora Ática, 1ª ed., 2ª imp.

- BENJAMIN, W. (1923) The Task of the Translator. In: SCHULTE, R. (ed.) (1992) *Theories of Translation*. Chicago & London: University of Chicago Press, Trad. Harry Zohn, pp. 71-82.
- GERGELY, Á. (2008) *Tigrisláz. Tíz Óra a Magyar Verfordításról* (Febredo-leão. Dez Aulas Sobre Tradução Poética Húngara). Budapest: Európa Könyvkiadó.
- JÓZAN, I. (2009) *Mű, fordítás, történet – Elmélkedések*. (Obra, traduções, história – Teorias) Budapest: Balassi Kiadó.
- KOSZTOLÁNYI, D. (1922) *Modern költők. Külföldi antologia a költők arcképével*. (Poetas Modernos – Antologia estrangeira, com biografia dos autores). Budapest: Révai, 2ª ed. ampliada, vol. I.
- MAN, J. (2002) *A Revolução de Gutenberg – A história de um gênio e da invenção que mudaram o mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- MÉSZÁROS, I. Entrevista à Carta Maior. Disponível em [http://www.galizacig.com/actualidade/200605/cm\\_entrevista\\_a\\_istvan\\_meszaros.htm](http://www.galizacig.com/actualidade/200605/cm_entrevista_a_istvan_meszaros.htm). Acesso em 20/10/2010.
- PIGNATARI, D. (2005) *O que é comunicação poética*. Cotia (SP): Ateliê Editorial.
- RIZZON, C. *Biblioteca: tempos e espaços de uma leitura*. Disponível em <http://www.dobrasdaleitura.com/revisao/bibliotecarizzon.html>. Acesso em 20/10/2010.
- SPIRY, Z. (2009) *Paulo Rónai, um brasileiro made in Hungary*. Disponível em <http://mek.niif.hu/07200/07245/>